

TRAGÉDIA EM GOTAS: *relato de uma experiência*

ANNA MOSCA

Doutoranda em Letras: Estudos Literários (UFMG)

anitamosca@hotmail.it

Orientadora: Doutora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa (UFMG)

A Truversa (Trupe de Tradução e Encenação de Teatro Antigo) propõe uma experiência coletiva de tradução e encenação da tragédia ática. A proposta foi iniciada em 2009 na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais UFMG, pela Professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa e vem sendo desenvolvida paulatinamente. Traduzimos e encenamos de Eurípides a *Medeia* (2012), a *Hécuba* (2017) e o *Orestes* (2018).

Em 2019 trabalhamos à nova montagem *Tragédia em Gotas*, com textos de Eurípides (*Íon*, *Electra*, *Hécuba*, *Orestes* e *Medeia*). Construimos uma dramaturgia fragmentada e estilhaçada, sem uma linha narrativa, com foco na antiguidade, porém em chave contemporânea, seguindo os pressupostos de Jean-Pierre Sarrazac. De acordo com o teórico francês, poder-se-ia definir a dramaturgia contemporânea como um corpo rapsódico, isto é, uma dramaturgia que reúne o que previamente se despedaçou e, no mesmo instante, despedaça o que acabou de unir (SARRAZAC, 2002, p. 37).

Tragédia em Gotas apresenta-se como uma exposição de quadros trágicos pintados no século V a.C. por Eurípides e expostos, como numa galeria onde se escancara o submundo de maldade e crime que habita o recesso familiar. São recortes de textos que tratam de relações afetivas esfaceladas. Personagens em conflito extremo que entram, relatam seus atos passados e planos futuros (matricídios, incestos, traições, estupros, homicídios...) e saem. Suas dores psíquicas, corporais e afetivas podem ser espelhos de traumas vividos por muitos. O horror da cena leva o espectador a refletir sobre os rumos das desmedidas na perspectiva da vítima e do algoz, em cada quadro.

A cena de *Tragédia em Gotas* se abre com a perplexidade do coro diante da grandeza e pequenez da glória humana. Em seguida, *Electra* entra, descreve os crimes de sua família e disputa com o irmão, *Orestes*, a autoria do matricídio perpetrado. Condenados, esses dois irmãos, com a ajuda do amigo e amante *Pílades*, invocam - do reino dos mortos - *Agamêmnon*, pai assassinado pela esposa *Clitemnestra*, mãe de ambos. Nada acontece, em lugar de *Agamêmnon*, surge *Medeia*, vinda da *Cólquida*, para vingar a traição de *Jasão*. Ela planeja o seu famigerado filicídio. Mas

Orestes rouba o espaço e o brilho da neta do sol. Ele e seu amado Pílates resolvem: antes matar que morrer, nesse ínterim, irrompe, Creusa que denuncia Apolo (*yes, me too!*), o deus devasso, violador de mulheres, deve ficar exposto diante de todos. Sua denúncia, contudo, cai no vazio e Electra, que surge de um passado remoto de antes do espetáculo, planeja com requintes de frieza, o matricídio.

Com esse projeto apresentamos em Setembro de 2019 um espetáculo contemporâneo e brasileiro de gotas trágicas, de crimes e violências cotidianas, no XXII Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, SBEC, em Juiz de Fora, no Salão Nobre do Instituto de História e Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro UFRJ, e no Auditório Macunaíma do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, UFF. As três ocasiões de encontro com os espectadores se apresentaram entre si muito diferentes, pela tipologia de espaço, pela diversidade do contexto e pela recepção do nosso trabalho.

No dia 3 de Setembro de 2019, às 20hs, apresentamos *Tragédia em Gotas* no Cine Theatro-Central de Juiz de Fora. O espetáculo em geral estava contemplado na programação do XXII Congresso da SBEC. Cerca de 1200 espectadores na noite da apresentação lotaram o grande teatro da cidade do Sul de Minas. O desafio maior para a trupe foi atuar com um “teatro pobre” numa casa de espetáculos majestosa. Um palco grande e uma plateia enorme. Resolver a acústica foi a prioridade. Na montagem técnica, contamos com uma empresa de microfones e, ainda assim, nem sempre conseguimos fazer com que o texto chegasse a contento aos espectadores. Além dos problemas com o retorno no palco, tivemos, igualmente, problemas técnicos com a trilha sonora e com um bloqueio inesperado do equipamento eletrônico durante o espetáculo, que provocou consequentes mudanças significativas na dramaturgia musical.

A montagem de luz, pelo contrário, foi muito positiva. O equipamento de luz do grande Cine Theatro-Central proporcionou soluções e imagens surpreendentes, alcançamos efeitos que não tínhamos tido possibilidade de imaginar e, menos ainda, de adotar durante os ensaios, por falta de recursos.

O espetáculo foi introduzido por uma breve leitura da sinopse pela Profa. Neiva Ferreira Pinto, membro da SBEC. Não foram distribuídos materiais informativos sobre o espetáculo na plateia, isso, parece, pelos comentários, prejudicou um pouco. Ao final da cerimônia cênica sentimos o fragor de um sincero aplauso, uma troca de energia. Mesmo sem previsão de debate, pelo encontro espontâneo e imediato entre atores e espectadores pudemos recolher diversos comentários de envolvimento, participação, mas também de desorientação e estranhamento. Alguns espectadores comentaram que não tinham conseguido escutar o texto. Outros, que escutaram, mas que não entenderam alguns trechos. Outros, comentaram que não conseguiram acompanhar a proposta por falta de uma linha única narrativa. Ainda assim, percebemos que houve sedimentação. O teatro por meio de seus múltiplos recursos, conseguiu construir imagens que fugiam à racionalização imediata e que necessitavam de decantação para se obter a fruição da experiência artística esperada. Ademais, sabe-se que a experiência de um espetáculo é personalíssima e íntima em seus significados distintos e indistintos, claros e escuros para cada espectador.

Repletos dessa experiência, deixamos Juiz de Fora no dia 4 de Setembro de 2019 rumo ao Rio de Janeiro, e no mesmo dia apresentamos *Tragédia em Gotas* sob o patrocínio do Laboratório de História Antiga (LHIA) e do Programa de Pós-Graduação em História Comparada (PPGHC) do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na UFRJ, Largo de São Francisco de Paula. Para o evento contamos com a coordenação dos Profs. Fabio Lessa e Deivid Valério Gaia.

No Instituto de História encontramos uma situação completamente diferente. Tivemos à disposição o belíssimo Salão Nobre, com “cenografia” original em madeira. Usamos a iluminação fixa do Salão Nobre, misturada à luz natural, que chegava das elegantes portas-janelas, postas ao lado direito do salão, para quem entra no espaço. Podíamos utilizar nossa trilha sonora normalmente, graças à disponibilidade do equipamento de som. Apresentamos às 14h30 para a cerca de 30 espectadores, entre os quais professores, estudantes, pesquisadores e classicistas. Sentimo-nos em casa. Percebemos que o nosso público acompanhava a nossa linguagem com familiaridade e que os personagens da peça *Tragédia em Gotas* procuraram espontaneamente um contato estreito com os espectadores. O espaço e o número dos participantes favoreciam um teatro íntimo. Sobre essa “íntima distância próxima” é proveitoso lembrar, que o ator/atriz em cena é uma criatura que vive em outra dimensão, que não é a reprodução mimética da realidade, mas sim uma dimensão paralela, que nos permite assistir a nós mesmos (com nossas angústias, dores, mediocridades, grandezas, ruindades) como se estivéssemos assistindo à um sonho de olhos abertos. Nesse sentido, o momento pós-teatral poderia ser comparado justamente ao momento em que tentamos lembrar de um sonho. Ao acordar recolhemos imagens confusas, sensações físicas, contudo nem sempre sabemos relatar e entender as cenas sonhadas. Mas, de alguma forma, seja enorme ou pequeno o espaço físico em que o ator/atriz age, ele/ela é sempre um/a gigante, que não pertence ao terreno. Ele/ela passa da uma postura cotidiana a uma postura estilizada, para a cena, pressuposto para desencadear um novo potencial de energia (BARBA, 1993, p. 20).

Foi nessa exata medida que Medeia, Orestes, Electra, Clitemnestra, Creuza, Frígio se materializaram no Salão Nobre do Instituto de História do Rio de Janeiro. Procuraram redesenhar uma nova geometria da cena que desse conta do espaço e do público reais daquele momento. Contudo, nem sempre conseguimos controlar as entradas e saídas de cenas dos atores, nem sempre demos conta de reinventar o desenho cênico. As vezes, ficávamos muito avançados em relação aos espectadores, outras, presentes, quando devíamos nos tornar “invisíveis”, quando precisávamos retirar de nós mesmos o foco da atenção do espectador.

Após apresentação seguiu um debate participado entre a Trupe e os espectadores. Nessa ocasião as perguntas, as observações, os comentários se apresentaram de forma entusiasmada e motivada. Dessa vez, a ausência da linha narrativa não causou desconforto. Pelo contrário, a arquitetura dramática provocou curiosidades e inspirou diversas perguntas sobre os motivos das escolhas adotadas. Sentimos que os nossos espectadores, nesse dia, não estavam preocupados em entender e decodificar a nossa proposta, mas sim interessados em compartilhar um convívio, entender uma metodologia de trabalho, trocar ideias e sensações estimuladas pela

função teatral apresentada.

No dia seguinte, 5 de Setembro de 2019, às 18hs, apresentamos *Tragédia em Gotas* no Auditório Macunaíma, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense UFF, graças ao apoio e a recepção dos professores Susana Kampff Lages, Carolina Paganine, Renata Cazarini de Freitas e Andrea Lombardi (UFRJ), junto com outros colegas da UFF.

O Auditório Macunaíma é uma sala de forma retangular, com uma capacidade de 156 lugares, distribuídos em duas plateias de assentos fixos, com dois corredores laterais e um central. O palco frontal se eleva cerca 40 cm de altura, com duas portas laterais.

Chegados no espaço, redesenhamos os movimentos cênicos, para tentar de nos apropriar, como artistas, do espaço e quebrar a lógica de destinação de uso do auditório, ou seja, uma sala para conferências e palestras acadêmicas. Redefinimos entradas e saídas de cena e mudamos algumas transições entre um quadro e outro da nossa estrutura dramática, para viabilizar o novo traçado cênico. Este trabalho foi fundamental e necessário para criar uma sintonia com os espectadores presentes no Auditório Macunaíma. Aqui também usamos apenas nossa trilha sonora, pois a luz disponível era exclusivamente aquela fixa do Auditório.

Aproximadamente, 70 pessoas assistiram ao espetáculo participando com reações espontâneas como risos, interjeições de surpresas, espanto, comoção. Quando se abriu o debate, a partir de algumas perguntas e considerações, percebemos que tínhamos despertado uma curiosidade em relação a nossa proposta. Os espectadores colocaram várias questões, abrindo uma troca rica e fecunda entre a Trupe e a plateia. Entre outros assuntos, os espectadores perguntaram sobre a relação da cena da Creuza e o movimento mundial *Me too* e sobre como se deu a construção da cena. Explicamos que a tradução do *Íon*, que é objeto de estudo e tradução de uma disciplina ministrada no Programa de Pós-Graduação da FALE/ UFMG pela Prof^a Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, está em desenvolvimento. Contudo, optamos por apresentar uma cena específica, a cena em que Creuza decide acusar o Apolo de a ter violentada. Na nossa proposta, a Creuza se desdobra em várias atrizes, as quais, com as palavras de Eurípides de 2500 anos atrás, reescritas e reinventadas em português do Brasil de hoje, denunciam as violências contra as mulheres. *Febo, o deus devasso* encarna assim, em cena, aquela parte da masculinidade de todos os tempos, que não foi e não é capaz de lidar ainda hoje, de igual para igual, com o outro sexo.

A plateia também se interessou por perguntar sobre a concepção da trilha sonora do espetáculo. Explicamos que a dramaturgia musical foi concebida pela nossa colaboradora e consultora cultural Manuela Barbosa, que nos propôs as *Sequenze* do músico italiano Luciano Berio (1925-2003). Sucessivamente, Guilherme Mello, ator da Trupe, introduziu uma nova proposta, que funcionasse como elemento de ruptura no interno da dramaturgia musical, Kraftwerk com a música *Chrono* (álbum, Tour de France, 2003).

Convivemos, sofremos e aprendemos ao longo da experiência da turnê de *Tragédia em Gotas* no Rio de Janeiro e no Sul de Minas. E já estamos prontos para novas ocasiões de encontro com o público. *Quem é de cena?!*

■ FICHA TÉCNICA

Tragédia em Gotas. Textos de Eurípides (Orestes, Íon, Electra, Hécuba e Medeia). Direção de Tradução: Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. Direção: Anita Mosca. Elenco: Alice Mesquita, Amanda Bruno, Anita Mosca, Beatriz Novaes, Guilherme Mello e Sara Anjos. Trilha Sonora: Manuela Ribeiro e Guilherme Mello. Máscaras: Ronaldo Alves. Arte Gráfica: Bernardo Novaes. Produção Executiva: Alice Mesquita e Anselmo Bandeira. Dramaturgia e Produção: Truttersa.

■ FONTES

EURÍPIDES, *Electra* de Eurípides. Tradução Truttersa. Direção de tradução Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. São Paulo: Editorial Ateliê, 2015.

_____, *Medeia* de Eurípides. Tradução Truttersa. Direção de tradução Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. São Paulo: Editorial Ateliê, 2013.

_____, *Orestes* de Eurípides. Tradução Truttersa. Direção de tradução Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. São Paulo: Editorial Ateliê, 2017.

■ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBA, Eugenio. *La canoa di carta*. Bologna: Il Mulino, 1993.

SARRAZAC, J.P. *O Futuro do drama*. Tradução de Alexandra Moreira da Silva. Porto, Campos das Letras, 2002.